

João Rios

# O OSSO DA TRISTEZA



# Instrução do Fogo

entrego-te o corpo  
para que saibas  
urdir melhorada raiz  
para a impaciência  
sem gruas de mistério  
dos meus olhos

tenho dois gatos  
e os pulmões cansados  
e não consigo desarrumar  
a paixão que me comanda  
ao raro coração  
em que me despe um fogo intenso

já ao fundo do céu  
diminui  
o volume dos barcos  
e a tristeza em ilha  
se desfralda  
com lenta ruga de fogo  
porque  
aquém da porta  
só  
a cabeça  
expande  
os propósitos de sal  
de seus rebentos

onde  
ridículo de alegria  
o corpo deteve  
as pesadas sombras  
da emudecida  
instrução de seu fogo

a tristeza  
inteira as raízes  
do carnívoro coágulo  
que mendiga  
as máscaras  
que me conduzem  
ao absoluto poder  
da sua substância

vivo com palavras  
que se perderam  
por magoado sol

mas acordo  
onde a rotação oxidada  
dos significados  
me devolve  
a poalha de cinza  
da fogueira de teu corpo

se resistir ao duelo  
que o silêncio inocula  
nos homens  
à porta das fábricas  
sem trabalho

ou comer  
sem afastar os olhos  
dos restos furtados  
com o igual abandono  
dos cães

talvez as palavras  
ergam as crinas  
além do descuidado  
incêndio  
que amplifica  
os excrementos de ruído  
que as escravizam

não espero  
que faúlhas  
de sal  
me tornem  
sábio

se ao iniciar  
o grito  
me trespassa  
a imagem  
a sangue sujo  
do pássaro  
e os insultos

talvez  
sangre assim  
a todo o breu  
o doído clarão  
do seu sentido



não sabem os pés  
de melhor coragem  
para conduzir  
a cegueira do anão  
que em si engendra  
a crónica do corpo  
nos trilhos do mundo

não querem  
esquartejar  
trevas  
ou raspar  
o latido  
de maldição  
que os guia  
ao altar bruxuleante  
dos impérios

há na boca  
uma vocação  
que vai trair  
por não calar  
no sangue  
o hálito do real

um espanto  
que a frio  
se ergue  
sem deter  
o corpo

que atravessa  
do lado  
do mundo

desafiando

a cal  
do nenhum  
mistério  
que o sustenta

caio  
sem  
socorro  
de nenhum  
nome  
pelas raízes  
de estranhas  
sílabas  
e já  
não importa  
onde possa  
viver

ou se um cão  
impaciente  
me traz  
às mãos  
uma luz  
sem a cor  
do vômito  
do mundo



“

despegar  
da pele  
o arrepio  
dos fantasmas  
que nos consomem  
a pólvora dos desejos

saber por facas  
e raízes  
a cor autêntica  
dos venenos

e render  
às cinzas da alegria  
os nomes  
dos monstros  
mais intensos

”